

**cinco**  
**júlias**  
**matheus**  
**souza**

**SÉQUINTE**

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright do texto © 2019 by Matheus Souza

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

CAPA Claudia Espínola de Carvalho

ILUSTRAÇÃO DE CAPA Camila Rosa

PREPARAÇÃO Sofia Soter

REVISÃO Camila Saraiva e Adriana Bairrada

*A construção das personagens Júlia 1 e Júlia 4 foi feita com colaboração de Amanda Benevides, que também contribuiu com os diálogos das páginas 222-5 e 234-6.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Souza, Matheus

Cinco Júlias / Matheus Souza. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2019.

ISBN 978-85-5534-090-1

1. Ficção – Literatura juvenil I. Título.

19-27587

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Iolanda Rodrigues Biode – Bibliotecária – CRB-8/10014

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.seguinte.com.br

contato@seguinte.com.br

 /editoraseguinte

 @editoraseguinte

 Editora Seguinte

 editoraseguinteoficial

*Para minha mãe*

## PRÓLOGO

# Júlia Um

A vida pode ser incrível. Geralmente ela não é. Na maior parte do tempo ela é uma merda, ou só... chata. Mas, se bobear, você dá sorte e ela é incrível. Essa é a moral da história, que você vai encontrar na última página. Quer dizer, se tiver lido todo o resto antes, vai ter o contexto para entender que essa é a moral da história. Contextos são úteis! Enfim... Desculpa, eu só achei que seria interessante começar a contar nossa história pela moral, porque as pessoas deixam a moral só pro final e até lá você fica sofrendo achando que vai tudo terminar na maior bad do mundo. Vamos tirar esse peso daqui. Não precisa. Tem choro no meio? Tem. Tem dor? Tem. Tem briga? Tem. Tem discussão? Ô, se tem... Mas o final é feliz, beleza? Eu acho sempre reconfortante quando vou assistir um filme e sei que o final é feliz. Eu soffro, só que com mais tranquilidade.

Eu não sei quando você tá lendo isso que eu tô escrevendo. Se ano que vem, ou cem anos depois. Dois bilhões de anos depois? Sei lá, talvez tenham colocado esse texto numa daquelas cápsulas que jogam no espaço pra serem lidas no futuro por novas gerações. Ou aliens. Sei lá. Se bem que eu duvido que esse livro aqui tenha relevância suficiente para ser jogado no espaço. Imagino que

os marcianos preferiam algo mais pra *Dom Casmurro* ou *Cinquenta tons de cinza*. Bom, de qualquer forma, eu não sei se você sabe o que aconteceu naquele 8 de agosto, então preciso explicar... Um grupo de hackers invadiu a base de dados das principais redes sociais do mundo. Facebook. Gmail. WhatsApp. Instagram. Twitter. A porra toda. Desenterraram arquivos até de sites jurássicos, tipo Orkut, Fotolog e Flogão. Pois é... Flogão. E criaram um site chamado uLeaked. E, tipo, nesse site eles meio que postaram todas as mensagens particulares que todas as pessoas do mundo já trocaram em qualquer rede social. Qualquer pessoa podia entrar, digitar seu nome em um campo de busca e ia ter lá todos os e-mails que você nunca quis que ninguém lesse. Aquela conversa na qual você falou mal da sua melhor amiga anos atrás. O nude que mandou pro amigo do seu namorado em março. Os maiores segredos de todas as pessoas do mundo foram revelados ao mesmo tempo.

[Antes de ler o primeiro capítulo, recomendo que pare um segundinho pra pensar no tamanho da merda que poderia dar na sua vida.]

[1/5]

# Júlia Um

Por que é tão difícil levantar da cama de manhã? Eu faço isso todo dia. Não era pra ter prática? Já apertei o “Adiar” do despertador três vezes. Não vou apertar a quarta. Apertei. Cinco é o limite! Adiar o despertador mais de cinco vezes é falta de caráter. A casa inteira vai acordar. Minha mãe vai entrar aqui daqui a pouco e vai tacar o chinelo na minha fuça. Vamos lá, Júlia. Se você tem energia pra pensar tudo isso, tem energia pra levantar... Levantei. Primeira vitória do dia.

Eu não deveria usar o celular sentada no vaso. Sempre me bate uma neurose, vai que essa câmera funciona vinte e quatro horas em algum lugar do mundo e a CIA tá me vigiando? Ou um hacker maluco tarado? Mas eu preciso ver se alguém comentou mais alguma coisa no meu vídeo. Se tiver mais um dislike, eu deleto. Não mereço ouvir desaforo de desconhecido. O.k., eu sei que alguém apertando o “polegar pra baixo” no seu vídeo do YouTube não faz som pra ser ouvido. Mas dentro de mim faz. Faz o retumbante som dos meus sonhos desmoronando.

“Mas que vídeo é esse, Júlia?”, vocês devem se perguntar. Ou não, caso já tenham largado o livro de volta na livraria. Nesse caso,



espero que pelo menos tenham colocado no lugar de origem. Pessoas que pegam livro de uma prateleira e jogam em outra merecem um lugar especial no inferno. Logo ao lado da sala dos que visualizam a mensagem e demoram para responder.

Eu escrevo, amo escrever. É a coisa que mais gosto de fazer na vida. Culpa da Shonda Rhimes, melhor escritora do mundo. Sempre tive o sonho de ser escritora, desde pequena, contando minhas historinhas nas festas de família e tirando nota dez em todas as redações do colégio. Mas parecia só isso mesmo: sonho. Escritores eram caras brancos de meia idade que fumavam e bebiam uísque. Você tem noção de como eu me senti quando descobri que a escritora e produtora das séries de maior audiência da TV americana era uma mulher negra, como eu? Ela criou *Grey's Anatomy*, *Scandal*, *How to Get Away with Murder*, caramba! E também transformou o meu sonho em objetivo. Quem sabe um dia eu não inspiro uma menina a escrever, como a Shonda fez comigo?

Eu tinha um blog, no qual postava alguns contos, crônicas, críticas de filmes e séries. Ninguém lia, claro. Eu não sou ninguém. Mas tudo bem. O importante era me expressar. Meu amigo Léo falou que ninguém lia blog e insistiu para que eu fizesse um canal no YouTube, então comecei a postar uns vídeos com minhas análises sobre cultura pop. Tentei me inspirar nos meus canais favoritos, Nerdwriter1, The Take e Polyphonic, mas, como não sou ninja da edição como os criadores desses canais, acabava só falando meus textos pra câmera.

Eu tava amando a experiência, só que aí começaram a surgir alguns comentários nos vídeos que me deram vontade de deletar tudo. Meus primeiros haters apareceram em uma análise sobre o

Super-Homem. Não existe nada que coloque mais sua vida em perigo na internet do que falar mal de um super-herói. E o pior é que eu amo super-heróis! Mas o Super-Homem é um mala! É um ser perfeito e forte que continua sempre perfeito e forte. O único ponto fraco dele é um negócio que nem existe. Eu tenho aproximadamente setenta e nove defeitos, então não consigo me identificar, nem me inspirar em um ser inatingível. Ele me dá uma agonia, sabe? Na vida a gente não nasce forte e continua forte; a gente passa por muitos problemas, comete muitos erros e, se tudo der certo, supera tudo isso e aprende lições. Pelo menos, é o que eu acho. Eu não nasci forte. Eu nasci confusa. E tô tentando dar meu jeito de melhorar. Essa é a base da dramaturgia também. Imagina se o Tony Stark já fosse um cara altruísta desde a primeira cena do primeiro filme do Homem de Ferro. Imagina se o Simba já tivesse nascido sabendo ser um rei exemplar em *O Rei Leão*. Ou se a Rey já fosse a melhor jedi de todos os tempos desde a primeira cena de *O despertar da Força*. Nós não somos perfeitos. Somos pequenos universos cheios de erros e inseguranças. E a melhor parte dos filmes, séries, livros e histórias que contamos e ouvimos é a esperança de que a gente pode mudar e melhorar.

[Tem um vídeo da Shonda no YouTube comentando como a perfeição é um negócio muito superestimado, recomendo.]

[Pra não dizer que eu só falo da Shonda, no final da minha análise eu citava outras das minhas escritoras favoritas, todas elas responsáveis por criar personagens maravilhosas, todas elas cheias de defeitos e qualidades: Mindy Kaling, Phoebe Waller-Bridge, Tina Fey, Lena Waithe, Miranda July, Issa Rae e Amy Sherman-Palladino.]

Mas os piores comentários são os racistas que não percebem [ou ignoram] que estão sendo racistas. Contra-argumento relevante? Nenhum. Comentário sobre a largura do meu nariz? Muitos. Outros elegem como alvo meu cabelo, o que é triste, pois amo meu cabelo natural. E a grande maioria investe no clássico “quem é você pra falar isso?”. Sei lá quem eu sou! Tô tentando descobrir também!

[Vez ou outra coloco tranças coloridas. No momento são brancas, estou me sentindo a Tempestade do X-Men.]

[Personagem mais injustiçada das adaptações de quadrinhos até hoje.]

Então... eu amo escrever. Mas vale mesmo enfrentar tudo isso? Vale a pena me expressar na era dos haters? Eu não consigo ignorar o que falam. Não consigo deixar de ler o que escrevem sobre mim. E sei que isso não me faz bem.

Meu vídeo da semana foi sobre clássicos da música emo. No finalzinho dele, eu toco uma versão acústica improvisada com meu violão desafinado de “Helena”, do My Chemical Romance. Para quem não pegou a era do “emo”, eu explico. No começo dos anos 2000, também conhecido como “a época em que nasci”, os jovens consumiam uma música meio punk, meio pop, meio gritada, meio doce, meio romântica, meio raivosa... Olha, eu nunca consegui definir muito bem. Mas era o que minha mãe escutava. É, minha mãe era emo. As fotos dela na minha idade deveriam estar em um museu. Digita “emo brasileiro” no Google e você vai ter uma ideia.

[Pausa para pesquisar sobre emos no Google.]

[Pausa para imaginar a reação dos seus futuros filhos olhando para as fotos da sua adolescência no Instagram.]

[Pausa para refletir se o Instagram vai existir para sempre ou vão deletar algum dia como fizeram com o Orkut que minha mãe tinha.]

[Pausa para pesquisar o que era “Orkut”.]

[Pausa para falar que não precisa pesquisar “Orkut”, basta saber que era o Facebook na época dos nossos pais.]

[Pausa para refletir sobre o uso dos colchetes dessa menina estranha.]

[Eu adoro colchetes, são muito mais carismáticos do que parênteses.]

“Helena”. My Chemical Romance. Quando eu era criancinha, era muito levada. Não parava quieta. Reza a lenda na minha família que eu não parava de correr pela casa quebrando tudo e minha mãe, coitada, ainda adolescente [e com uma franja enorme] [emos tinham franjas enormes], não fazia ideia de como lidar comigo. A vó ajudava. Ainda ajuda. Moro com as duas até hoje. Mas eu era incontrolável. Até que um dia, mamãe, em um surto, colocou seu CD mais estridente para tocar. *Three Cheers for Sweet Revenge*. Nome dramático. Músicas ainda mais. Versão pirata, claro, era uma fortuna comprar CD importado e a gente nunca teve muita grana. Mas funcionava, na medida do possível. Dava uns pulinhos no meio de “Ghost of You”, mas “Helena” tocava perfeitamente. E assim que o sujeito da música começou a berrar... Eu parei. Aparentemente, nada me acalmava com maior eficácia do que gritos melancólicos sobre morte e amores perdidos. Eu avisei que era estranha quando falei dos colchetes.

Anos depois, já com vergonha da fase emo, e mais parecida com o que encontramos ao digitar “memes de mãe e filha” no Google,

ela me lembrou dessa história e me mostrou o clipe de “Helena”. Virou meu clipe favorito de todos os tempos por motivos de apego emocional, mas também por ser uma obra de arte bem impressionante. Um número musical no meio de um funeral. Com dancinhas de guarda-chuva e caixão. Meio Tim Burton, meio *Moulin Rouge*. Triste. Bizarro. Lindo.

Então, por mais que hoje meu Spotify seja tomado por sons bem diferentes como Blood Orange e Janelle Monáe, “Helena” sempre terá um lugar cativo no meu coração. Pensando nisso, decidi gravar um texto defendendo a importância artística do movimento no meu canal. Que só tem trinta e sete inscritos. As pessoas podiam só ignorar, né? Mas não... Um cara entrou lá pra falar que eu era vesga. Sério, isso nem faz sentido. Vesga eu não sou. Ele só pensou em algo malvado e escreveu. Nem precisou ter sentido. Eu tô me olhando no espelho nesse exato momento com uma régua no meio da testa. Meus globos oculares são super simétricos! Juro!

— Bênção, vó!

Acho muito charmoso falar “bênção” pra vó. Ela adora. Dividi quarto com ela boa parte da infância, mas desde que ela começou a ficar um pouco mais fraca de saúde, minha mãe assumiu a divisão pra ficar alerta para qualquer problema na madrugada. A gente mora em Saquarema, que é um lugar onde muita gente do Rio passa férias, feriado, fim de semana. É estranho morar em um lugar que serve de fuga do cotidiano para outras pessoas. Se eu quiser fugir, pra onde eu vou? Eu já moro perto da praia, aqui já faz sol, é tudo tranquilo.

Minha mãe nem percebe que eu já levantei, podia ter apertado o botão da soneca pela sexta vez. Todo dia de manhã ela conversa

com o médico da vó, que é um baita dum galã grisalho. Shippo muito esse casal.

— Oi, doutor! Tá cedo pra visita. Dormiu aqui?

Minha mãe gela, de tão sem graça que fica com a piada. Ele ri. Acho que tem jogo. Ela me leva na porta, raiva nos olhos, segurando o chinelo da Mulher-Maravilha que eu dei de presente no Natal. É como se eu tivesse financiado a arma do meu próprio assassinato, eu sei. Mas é uma deixa para eu falar de feminismo e sororidade quando ela me ameaça. E ela nunca bateu de verdade, tá? É quase uma brincadeira carinhosa, um código nosso. Ela levanta o chinelo, fala “Júlia, um, dois...”. Antes do “três” eu já pedi desculpas fazendo uma cara fofa e ela abaixa o chinelo.

— Sua vó acordou passando mal, ele veio acudir.

— Aham, sei... Rola carona pra aula hoje?

— Tenho que dar aula daqui a pouco.

Mamãe é professora na autoescola. Nosso carro é um Corsa velho todo adesivado com o nome do curso. Então até que é um bom negócio não aparecer na porta do colégio com esse outdoor que fica estacionado na nossa garagem. Mas “preguiça” é o meu lema de vida. Vale tentar.

— Mãe, se joga, tá na hora mesmo de esquecer meu pai.

— Ninguém fala do *monstro* na minha casa! — a vó grita de dentro da casa, demonstrando que sua surdez por vezes é teatro.

Meus pais nunca foram casados e, embora eu tenha convivido com ele até uns dois anos de idade, minha mãe me afastou dele de todo jeito. Além de “o monstro”, minha vó também gosta de chamá-lo de “o falecido”. As duas criaram pra mim uma figura que

eu nunca tive vontade de reencontrar. Um sujeito egoísta, infiel, bêbado, bruto. Que morava em São Paulo e nunca pensou em me visitar. Uma das poucas lembranças que tenho é dele me explicando as regras de pular amarelinha. São poucas. É uma lembrança bem curta.

— POR QUE VOCÊ DELETOU SEU CANAL, SUA MALUCA?!

O Léo tem a maior intimidade comigo e é super atraente, parece o Michael B. Jordan [antes de ficar bombadão pro *Creed*, meio na época do *Fruitvale Station*]. Ele tem uma quedinha por mim que eu sei. Mas... Ele era bem estranho mais novo. Que nem eu. Uma hora ele deu uma transformada. Ou foi o meu gosto que mudou? Ou eu só percebi que “beleza” é um conceito inútil? Sei lá. Mas nossa amizade já tava muito estabilizada e eu não quero estragar. Nunca. Gasto meu tesão em outros. Até penso nele de vez em quando, no meio da... Você sabe. Vamos parar essa parte por aqui. Lembrei que ele pode ler isso. Vai ser bem estranho. Léo, eu te adoro. E seu peitoral é bem interessante. Nunca falei isso pessoalmente porque é um elogio bem esquisito. Mas é um ótimo peitoral. Parabéns.

— Como você sabe que eu deletei? Cê entra no meu canal todo dia quando acorda?

— Claro que não! Meu celular tá maluco, cliquei sem querer.

A gente caminha junto pro colégio quando minha mãe não dá carona. Ele mora a umas três casas de distância. Conversamos bastante. Nos zoamos bastante. Nos criticamos bastante. E dividimos fones de ouvido nos dias sem assunto.

Explico meu trauma com os comentários, mostro minha foto com a régua. Ele morre de rir, mas logo fica sério.

— Você nunca vai escrever um musical de sucesso se ficar com medo do que os outros vão pensar.

Depois da Shonda Rhimes, a pessoa que mais me encantou artisticamente foi o Lin-Manuel Miranda. Ele escreveu um dos musicais de maior sucesso da Broadway, *Hamilton*, que é uma obra-prima musicada em hip hop. Eu nunca fui pra Nova York, nunca assisti à peça. Mas escuto as músicas todos os dias e achei umas filmagens malfeitas na internet que foram suficientes para decorar algumas coreografias. Ele não é tão famoso por aqui, algumas pessoas acham ele “americano demais” por tratar da criação da Constituição dos Estados Unidos. Mas ele é muito mais que isso. É um musical sobre... escrever! O *Hamilton* [no musical, pelo menos] é um cara que conquistou tudo que tinha através de sua escrita, sua carreira, sua esposa, seu legado. O coro da canção que fecha o primeiro ato, “Non-Stop”, fica repetindo “How do you write like you need it to survive? How do you write every second you’re alive?”.

[Recomendo que vocês escutem “Satisfied”, “My Shot” e “Burn” caso tenham se interessado em conhecer mais da obra.]

Desde que escutei *Hamilton* pela primeira vez, coloquei na cabeça que queria escrever um musical. O Léo ficou muito empolgado com a ideia. Ele que me ensinou a tocar violão, para me ajudar no processo.

— Eu nunca vou escrever um musical. Ponto. Correr atrás de sonho é besteira. Sonho é coisa de filme, coisa de musical. E vida é vida. Vida não é musical. Podia ser, mas não é. Se eu entrar na padaria e pedir meu pão cantando, o padeiro não vai cantar comigo. Vai ligar pra minha mãe sugerindo minha internação.



Hamilton ficaria decepcionado com minha desistência. Mas na época dele não existiam comentários de YouTube. É hora de encarar a realidade. A Shonda nasceu em Chicago e o Lin-Manuel em NY. Quando que seria possível eu, morando em Saquarema, chegar na Broadway? Eu mal fui pro Rio de Janeiro. Minha turma de teatro do colégio tem seis alunos e quatro deles, no fundo, só querem participar de algum *reality show*. Mas tudo bem. Uma vida desistindo de sonhos [ou objetivos] é uma vida sem frustração. Uma vida... confortável. O conforto é uma maravilha! Conforto não magoa, não faz chorar. Esforço? Esforço apavora. Quando um tio adoeceu eu tive que ir de avião com minha mãe visitar ele no Nordeste. E eu nunca vou me esquecer do comissário de bordo que fez aquelas instruções de segurança no voo de volta. Na ida, uma moça fez tudo super de saco cheio porque ninguém presta atenção nunca e, realmente, deve ser chato ficar repetindo aquilo toda hora. Mas o comissário do voo de volta fazia o ritual inteiro como se estivesse se apresentando para uma plateia lotada no Theatro Municipal. Eu achei incrível. Ele apontou para as saídas de emergência num movimento tão plástico que o moço sentado naquela fileira sorriu, se sentindo importante. Mas o esforço incomoda, e ao final da apresentação, um grupo de moleques de uma excursão começou a rir e imitar ele. Aquilo mexeu comigo. Se tentar ser uma artista e expressar a minha voz vem com todas essas críticas e pequenas humilhações no pacote... Eu não sei se vale o esforço.

— Pessoal vai tomar um chope à noite, vamos?

Preguiça! Mas... convite tentador. Léo fica uma gracinha bêbado. Ele começa a errar o plural de algumas palavras. Teve um dia que

ele ficou minutos falando sozinho “guardas-chuva, guardas-chuvas, guarda-chuvas” sem chegar à conclusão de qual era a opção correta. O curioso é que nem tava chovendo no dia. Enfim, acho muito sexy quando ele confunde o plural de palavras compostas.

— Vai ser num daqueles bares que a gente tem que ficar em pé?

— Tu é uma velhinha disfarçada, não é possível.

— Qual o sentido de ficar em pé num bar se já inventaram sofás e cadeiras? E até camas!

— Cê sabe que existe meio-termo, né?

— Meio-termo do quê?

— Sua mãe encheu sua cabeça dizendo que seu pai era um bêbado maluco, irresponsável, que te largou aqui, mas... não é por causa disso que você precisa se privar de se divertir. Dá pra ser uma boa pessoa e se divertir ao mesmo tempo.

— Mas eu me divirto muito mais fazendo maratona de série em casa do que indo pro bar! Essa sou eu. Se não gosta, está livre pra procurar uma outra melhor amiga.

Entro na sala. Ele também. Os dois em silêncio. Será que ele realmente entendeu que eu sou meio mala e decidiu procurar uma outra melhor amiga/ flerte fixo complexo? Notificação no celular, mensagem dele:

**Anima de maratonar alguma série antiga esse fds?**

O celular toca de madrugada. É o Léo. Claro. Ninguém mais me ligaria de madrugada além dele. E de algum atendente de telemarketing tentando me convencer a trocar de operadora. Mas agora